

**NOBILING, OSKAR.** *As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade e Estudos Dispersos.* Org., intr. e notas de Yara Frateschi Vieira. Niterói: EdUFF, 2007. (Col. Estante Medieval).

*Por Lênia Márcia Mongelli\**

No mínimo em três direções devem caminhar os louvores a esta obra, indispensável contribuição a todos aqueles que se interessam pelos estudos medievais no âmbito da lírica trovadoresca e adjacências: 1) ao autor dos ensaios, é claro, Oskar Nobiling, pelo rigor científico de suas observações, centradas na mais arguta utilização do método filológico em plena ascensão a partir de finais do século XIX, e pela minúcia na busca da argumentação convincente; 2) à editora, tão rigorosa quanto o ensaísta alemão que edita, incansável em reconstituir com fidelidade a trajetória intelectual dele, quer nos dados biográficos, quer na compilação do que ele produziu. Para tanto, além da própria obstinação, ela contou com o impecável trabalho informático de Paulo Roberto Sodré – porque digitalizar esse tipo de texto é quase reescrevê-lo junto com o autor; 3) aos responsáveis pela “Coleção Estante Medieval”, Fernando Ozorio Rodrigues e Maria do Amparo Tavares Maleval, pela magnífica (e corajosa!) iniciativa de recuperar estudos pioneiros como este.

A nós, brasileiros, o livro importa duplamente, porque foi aqui que Nobiling viveu e exerceu suas funções docentes: tendo nascido em Hamburgo (Alemanha) em 1865, veio para o Brasil em 1889, portanto aos 24 anos; considerando-se que morreu precocemente aos 47 (1912), na mesma cidade onde nasceu e para onde fora em busca de cura da doença fatal, temos que os outros 23 anos passou-os entre Brasil e

---

\* Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP).

Alemanha, mais aqui que lá, em meio ao nascimento dos quatro filhos e à defesa de seu Doutorado em 1907, na Universidade de Bonn, justamente sobre as canções do trovador Joan Garcia de Guilhade, pesquisa que o tornaria conhecido entre a *intelligentzia* coetânea. Segundo Yara Frateschi na “Introdução”, a “vida pública” de Nobiling durou “apenas 9 anos: de 1902 a 1911”. Deste período de sua atuação, importante para a gênese dos estudos críticos (lingüísticos, filológicos, historiográficos, ecdóticos, paleográficos) acerca do Trovadorismo galego-português, o leitor encontra na obra em exame dois vivíssimos e saborosos testemunhos: 1) o fecundo diálogo, direto ou indireto, que ele travou com investigadores do porte de Gonçalves Viana e José Leite de Vasconcelos (as cartas trocadas com este estão em “Apêndice”), de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Cornu, Gustavo Meyer, Henry Lang, F. Diez e tantos outros, nacionais e estrangeiros, o que nos permite acompanhar, com bastante “realismo”, as imensas dúvidas que ocorreram a todos, naqueles primórdios, sobre as “lições” mais adequadas para restituir os poemas freqüentemente danificados dos três cancioneiros que nos chegaram com a produção dos trovadores galego-portugueses (*Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana, Cancioneiro da Biblioteca Nacional*). O que é hoje quesito muitas vezes ultrapassado, obstáculo resolvido, tinha então o atrativo e o desafio da incógnita e da descoberta. 2) Se esse percurso era difícil mesmo para aqueles que, na Europa, dispunham de farto material de pesquisa, imagine-se para Nobiling, que a cada página de seus ensaios se queixa da precariedade numérica das fontes de que podia dispor e solicita aos colegas, quase como um pedido de “socorro”, que lhe enviem notícias e livros, pois as novidades chegam tardiamente ou nunca chegam ao Brasil. Nem é preciso dizer da atualidade desses empecilhos, uma vez que nossas bibliotecas pouco saíram daquele estado larvar de penúria que o alemão, há pelo menos cem anos, já denunciava. O que só redobra o mérito de suas atividades!

A obra em questão, muito bem organizada e com uma bela apresentação gráfica, está distribuída em três grupos de artigos, que oferecem com nitidez a diversificação dos assuntos para os quais

Nobiling voltou seus olhos de lingüista e filólogo: o primeiro é sobre a “Lírica medieval galego-portuguesa”, com sete estudos; o segundo, sobre a “Língua Portuguesa”, com seis estudos, e o terceiro, sobre “Literatura Popular”, com quatro estudos. Se no primeiro grupo o trabalho fundamental é a edição das cantigas de Guilhade<sup>1</sup>, feita num momento histórico em que as monografias sobre os trovadores – hoje em franco progresso - ainda contavam quase tão só com o *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, de Henry Lang, não menos admirável é o longo comentário de Nobiling à edição do *Cancioneiro da Ajuda* publicada em 1904 (“Acerca do texto e da interpretação do *Cancioneiro da Ajuda*” e “A edição do *Cancioneiro da Ajuda*, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos”). Severo na crítica, generoso nos aditamentos, inflexível nas convicções, ele rastreia quase linha por linha os dois volumes da famosa edição de Halle, cotejando a leitura de sua conterrânea com B e V, além de “conferir” suas informações históricas – sem qualquer intuito beligerante ou polêmico, num saudável dialogismo entre forças equivalentes em busca da melhor solução. Basta atentar para as “correções” que faz a Lang (“Uma canção de D. Denis”; “Acerca da interpretação do Cancioneiro de D. Denis”) ou a Leite de Vasconcelos (“Textos arcaicos”), amigo pessoal que, aliás, agradece as pontuais e acertadas intervenções.

Quando trata da Língua Portuguesa, o gosto de Nobiling pelo detalhe não é menos impressionante. No artigo “As vogais nasais em Português<sup>2</sup>”, ele trabalha com Fonética comparativa (lembrando que a disciplina era então nova), atento à história dos sons relativamente ao Português do Brasil e à sua aproximação a sonoridades nas vizinhanças entre franceses e portugueses - o que o leva a ponderadas conclusões sobre pronúncia de vocábulos e oscilações de grafia no português arcaico. Desse ângulo, nada a estranhar que Nobiling, tido como poliglota, compare “Albanês e Português”, interessado, por esta

<sup>1</sup> Atualmente, a produção deste trovador está sendo objeto de revisão por parte de pesquisadores galegos (Manuel Ferreiro, Carlos Paulo Martínez Pereiro, Laura Tato Fontaíña, Xosé Beito Arias Freixedo), que têm um projeto de pesquisa intitulado *O cancionero de Joan Garcia de Guilhade. Edición crítica* (HUM20004-04307), subsidiado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia da Galiza/Espanha.

<sup>2</sup> A propósito do assunto, consulte-se o recente estudo de Manuel Ferreiro: “Edición e historia da lingua: sobre a representación da nasalidade no trobadorismo profano galego-portugués e as formas *irmana* e afíns”. In: FERREIRO, M.; MARTÍNEZ PEREIRO, C. P.; TATO FONTAÍÑA, L. (Ed.). *A edición da poesía trobadoresca en Galiza*. A Coruña: Baía, 2008. p. 77-96.

inusitada via, na origem das línguas românicas e na unidade de falares em regiões do Império Romano que mantinham entre si estreitos vínculos comerciais. Porém, ele alerta para o cuidado que é preciso ter na constatação de semelhanças: “Sempre pareceu-me estranha a facilidade com que até os mais prudentes dentre os glotólogos admitem, e às vezes afirmam, que tal língua ou dialeto experimentou a influência de tal idioma estrangeiro, dispensando-se de demonstrar esta tese, que por si só não é nada evidente. Com efeito, meditemos um instante sobre quantas circunstâncias precisam concorrer para que um modo de expressão estranho a um povo se torne popular entre ele.” (“Brasileirismos e Crioulismos”, p. 369).

Observação à parte: nestes estudos de Língua Portuguesa, o leitor não pode deixar de conhecer *Frases Feitas*, longa resenha a uma obra de João Ribeiro, a qual traz ainda o subtítulo *Estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios*, publicada no Rio de Janeiro em 1908. É evidente que Nobiling e Ribeiro são desafetos e que sua crítica desanca o adversário com um rol de ataques ferozes; contudo – e aqui está a lição modelar – o alemão defende que a única maneira de saltar da esfera pessoal para o centro de questões verdadeiramente objetivas é apoiar-se em sólida erudição, é buscar evidências em provas irrefutáveis (“leviandade” seria o maior defeito de Ribeiro): “Só o que se demonstrou, o que se *sabe*, constitui cabedal de uma ciência; e se ela não pode dispensar as hipóteses, estas serão de nenhum valor, se não forem comprovadas por novos fatos e pela luz que espalhem sobre eles.” (p. 374). Sábia afirmação, sob a qual se revela uma proposta metodológica: se o comparatismo é caminho certo e indispensável para a Filologia, é pelo número de ocorrências de um fenômeno que se evitam deduções precipitadas. Como Carolina Michaëlis ou Leite de Vasconcelos, por quem nutre grande admiração, também Nobiling é adepto convicto da paciência detetivesca quando se trata de recuperar e dar à luz a história de um fato lingüístico.

Na última parte do livro, o ensaísta mostra que, mesmo vivendo “isolado” da pesquisa acadêmica européia – insulamento de que tanto se ressentia, embora defendia sua terra de adoção –, ele pôde pensar

sobre outra ciência que caía nas graças dos estudiosos, o Folclore, e empregá-la na inteligência da chamada “Literatura Popular”<sup>3</sup>, de tradição oral, e na recolha de “canções” que, seguindo a lição até então única de Sílvio Romero<sup>4</sup>, se espalhavam pelos quatro cantos do Brasil - “romanceiro” que precisava ser urgentemente registrado, mormente em São Paulo, Estado menos contemplado. Ao voltar-se para essa criação, de ressonâncias ancestrais, a óptica de Nobiling é, na verdade, a de um antropólogo, de um etnólogo, que sai a campo para colher “ao vivo” modinhas e canções perpetuadas na memória do *caipira* (sem conotações pejorativas, refere a população rural – p. 456). Por exemplo, em “Quadras do Estado Brasileiro de São Paulo”, um de seus informantes foi o trabalhador campesino José Alves da Rocha, mestiço de cerca de 30 anos, que ou lhe ditou os textos ou escreveu-os de próprio punho. Dentre as várias opções para transcrever esse material, Nobiling decidiu reproduzir a pronúncia de José e também a sua ortografia. O resultado é dos mais atraentes:

## XV

Tôda vida eu desejei  
um corpinho como o seu;  
vô fazêr tôdos os geito  
dêste corpinho sê meu.

## XVII

Puz (um) cravo na janela  
para meu amôr cherá;  
meu amôr foi (tão) ingrato  
dexô o cravo secá.

Um último aspecto deve ser distinguido, porque torna prazerosa a leitura desta obra nada fácil e às vezes de temas tão áridos quanto, por exemplo, as peculiaridades antigas e atuais do grupo fônico *inh-* ou as numerosas emendas à secção portuguesa do *Laternisch-romanisches Wörterbuch*, de Körting: trata-se da excelência de discurso do próprio Nobiling. Como outros estrangeiros ilustres falantes de nosso idioma, ele domina perfeitamente o Português, em frases límpidas e precisas, de

<sup>3</sup> Assinale-se que Nobiling já apontava as frágeis fronteiras entre “erudito” e “popular” – assunto em moda hoje – conforme discorre na resenha aos *Estudos sobre o Romanceiro popular*, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, p. 477-488.

<sup>4</sup> Como o próprio Nobiling diz, tomou por base a edição *Cantos populares do Brasil*, 1883, 2 v., mais completa.

estilo elegante, numa declarada preocupação de seguir com bom-senso as normas vigentes<sup>5</sup>. Bastaria isto para nos permitir enquadrá-lo na esfera dos filólogos “clássicos”, que sabem o quanto o respeito à lógica da Língua é a primeira condição para as flexibilizações da Linguagem. E ele nem precisou esperar por Saussure...

---

<sup>5</sup> Ao criticar João Ribeiro, ele aponta cada uma das incorreções gramaticais – imperdoáveis, a seu ver – cometidas por seu adversário.